

Identidade e dinâmicas linguísticas da comunidade macaense em Macau: um estudo de caso

Identity and linguistic dynamics of the macanese community in Macau: a case study

Maria da Graça Gomes Fernandes¹

0000-0002-7062-2388 

Xiaoyan Wang²

0009-0008-8275-5592 

Meng Ye³

0009-0006-7029-4886 

¹ Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, China.

² Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, China.

³ Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, China.

Autor correspondente: gracaf@mpu.edu.mo

Resumo. Decorridas mais de duas décadas desde a transferência do exercício de soberania de Portugal para a República Popular da China, subsistem muitas dúvidas quanto às formas de preservar a comunidade macaense da Região Administrativa Especial de Macau enquanto identidade cultural única. O estudo de caso apresentado neste trabalho visa compreender como os jovens macaenses se inserem social e culturalmente na sociedade de Macau. A presente análise é fundamentada em dados obtidos através de um inquérito por questionário. Os resultados demonstram um elevado grau de plurilinguismo, evidenciando a manutenção do papel de elo entre a comunidade chinesa e a portuguesa. O sentimento de pertença e orgulho macaense mantém-se robusto, sustentado por hábitos e costumes associados à gastronomia, à religião católica e à língua portuguesa, constituindo um pilar fundamental que ajuda a contrariar a tendência de identidade cada vez mais fluida e híbrida, que tende a ser diluída na etnia chinesa maioritária. Não obstante os esforços de revitalização empreendidos, a extinção do patuá parece ser irreversível.

Palavras-chave: Identidade. Comunidades. Macaenses. Cultura/s. Língua/s.

Abstract. More than two decades after the transfer of sovereignty from Portugal to the People's Republic of China, many questions remain about how to preserve the Macanese community in the Macao Special Administrative Region as a unique cultural identity. The case study presented in this paper aims to understand how young Macanese people fit into Macau society socially and culturally. This analysis is based on data obtained through a questionnaire survey. The results show a high degree of multilingualism, highlighting the continued role of the community as a link between the Chinese and Portuguese communities. The sense of belonging and pride of the Macanese community remains strong, sustained by habits and customs associated with gastronomy, Catholic religion and Portuguese language, constituting a fundamental pillar that

helps to counteract the trend towards an increasingly fluid and hybrid identity, which tends to be diluted in the majority Chinese ethnicity. Despite the revitalisation efforts undertaken, the extinction of Patuá seems to be irreversible.

Keywords: Identity. Macanese Community. Culture /s. Language/s.

1. Introdução

O poema, em patuá, “Cidádi di Nómi Santo” de José dos Santos Ferreira (1996), mais conhecido por Adé, evidencia a sua forte ligação a Macau. “Vosôtro olá!” (Ferreira, 1996, p. 21) constitui a primeira interpelação do poeta aos seus conterrâneos, gente da mesma “terra abençoada por Deus” (Ferreira, 1996, p. 21) que cresceu graças ao sacrifício dos antepassados e que as novas gerações devem preservar. O apelo de Adé é forte e insistente, o presságio é evidente, o mundo está a mudar e o sentimento de que algo poderá pôr em causa a estabilidade e a harmonia da cidade transparece. A sua fé cristã é vincada, mas a fé na sua comunidade parece abalada: “Olá gente faltá cuidado, Dessá fula muchá na chám” (Ferreira, 1996, p. 21); será que Adé já antevia que uma possível falta de união da comunidade poderia pôr em perigo a identidade cultural única de Macau? Será que alguma vez se questionou sobre a preservação da sua própria comunidade: a comunidade macaense?

Infelizmente, este “maquista” convicto partiu e não poderá responder a estas questões. Contudo, a obra que deixou representa uma herança cultural ímpar, herança sobre a qual os mais jovens se poderão apoiar para que esta etnia não se funda, ao fio dos anos, à etnia maioritária: a chinesa. As preocupações são muitas e têm sido o foco de inúmeros artigos que vêm surgindo na imprensa escrita da Região Administrativa Especial de Macau, e não só, nos últimos anos. No dia 26 de Fevereiro de 2016, António José de Freitas, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macau, referia ao *Jornal Tribuna de Macau*¹ a questão de a identidade macaense estar em perigo de se tornar marginalizada na China, em muito, segundo ele, pelo facto de a discussão em torno deste conceito ter sido estreita, desfocada e, por vezes, historicamente imprecisa.

A investigação que nos propomos levar a cabo visa encontrar algumas respostas para as questões acima levantadas, com particular foco nas relações entre língua/s e cultura/s. Para concretizar os objetivos definidos, foi realizado um estudo de natureza quantitativa, através da aplicação de um inquérito por questionário junto da comunidade macaense, com especial enfoque em jovens anónimos. Esta abordagem contrasta com estudos anteriores, como os de Gaspar (2015), Naito (2016) e Vieira (2016), por se considerar que os jovens poderão representar de forma mais fiel as gerações futuras no contexto da Região Administrativa Especial de Macau.

¹ Almeida, I. (2016, 26 de fevereiro). Críticas de Roy Xavier “não têm razão de ser”. *Jornal Tribuna de Macau*. Consultado em: <https://jtm.com.mo/record/2016/02Fev/26-02-2016.pdf>

Iremos, num primeiro momento, abordar alguns aspetos teóricos e metodológicos para, de seguida, proceder a uma análise dos resultados e, finalmente, tecer algumas conclusões.

2. Enquadramento teórico

2.1. Construção de uma identidade e dimensão social

É certo que, ao nascer, a nossa identidade pessoal está objetivamente enquadrada, uma vez que não se escolhe primeiramente a condição humana na sua universalidade, nem sequer o sexo, a genealogia ou, ainda, a inserção social da família. Contudo, ainda que esta identidade objetiva esteja intimamente ligada à pessoa, esta deve ser assimilada de forma subjetiva, através de um longo processo de uma construção de um sentimento identitário de natureza psicológica. As várias etapas da vida de um indivíduo vão fazer com que esse sentimento evolua, frequentemente com oscilações quer positivas quer negativas.

Por sua vez, a dimensão social da nossa identidade prende-se a um sentimento de pertença a grupos sociais de menor ou maior dimensão, nos quais a nossa genealogia nos inscreveu objetivamente. Esses grupos são cultural e historicamente variáveis, podendo estar confinados a grupos sociais, castas, regiões, nações, cidades, aldeias, bairros, comunidades étnicas ou ainda religiosas, grupos profissionais, etc. (Thomas et al., 2004). Esses marcadores sociais começam a ser mais fortes e perceptíveis a partir da adolescência: a idade por excelência em que a noção de pertença ao grupo se evidencia de forma inequívoca. Como refere Sanders (2002), “ethnic boundaries are patterns of social interaction that give rise to, and subsequently reinforce, in-group members’ self-identification and outsiders’ confirmation of group distinctions” (p. 328).

Para definir o termo “etnia”, recorremos à sua origem grega — *ethnos* — que significa “nação”. Este conceito remete para uma comunidade que partilha uma história, tradições culturais e uma língua comum, bem como aquilo que Hall (2005) designa como sentimento de “lugar”, uma característica presente tanto no poema inicialmente citado como na literatura macaense em geral. Exemplo disso é a própria forma como se denomina popularmente a etnia macaense: “os filhos da terra”, fruto de um poliibridismo bastante rico (Amaro, 1994) que só pôde acontecer graças às condições geográficas, históricas e sociopolíticas do território. Essa miscigenação teve origem, inicialmente, com relações em regime de concubinato de homens portugueses com euro-asiáticas, malaias, indianas e posteriormente com mulheres chinesas muito jovens, muitas vezes vendidas pelos pais. Como avança, ainda, Caniato (2004, p. 125), “os macaenses são, portanto, euroasiáticos. O componente português permanece como seu elemento estruturante, no entanto o componente asiático tem variado, uma vez que este, a partir do século XX, é chinês”. O mesmo autor explica ainda que, no período pós-segunda Guerra Mundial, “a comunidade macaense, predominantemente euro-asiática não chinesa, começou a extinguir-se por causa da emigração” (2004, p. 125), dando lugar, no pós-25 de abril de 1974, a uma comunidade luso-chinesa bastante significativa, fruto de casamentos entre

mulheres chinesas provenientes do continente com ex-militares, agentes da polícia e, ainda, homens macaenses.

2.2. Língua como marca de identidade étnica

Cada indivíduo possui afiliações culturais, históricas e linguísticas, assim como uma identidade linguística, através das quais podemos ser (e muitas vezes somos) “etiquetados”. No entanto, uma pessoa pode acumular várias etiquetas: algumas escolhidas por si, outras atribuídas por terceiros. Apesar de as diferenças dos grupos minoritários serem enfatizadas frequentemente pela maioria, os membros das minorias podem (e escolhem mesmo) manter as suas características específicas perante a generalidade. Thomas et al. (2004) afirmam que

Members of ethnic minorities will continue to participate in cultural, religious and linguistics practices which differentiate them from the norm. In terms of language use, this can mean preserving a mother tongue which is different to that utilized and made official by the ethnic majority. (pp. 91–92)

Os autores referem ainda que tais comportamentos nem sempre são bem acolhidos pelos membros do grupo maioritário. No entanto, tal não se verifica em Macau, onde a etnia chinesa aceita e convive pacificamente com esta realidade, precisamente por não interferir no seu quotidiano.

Os membros da comunidade macaense não são apenas bilingues, como muitas vezes é referido. Na realidade, além de dominarem a língua portuguesa e o dialeto cantonês, estes também têm um bom domínio de inglês e mandarim, sendo que a maioria também entende o crioulo quase extinto, exclusivo dessa comunidade, denominado de “macaísta” ou ainda “patuá”. Ao entrarem em contacto com povos de diferentes etnias, os portugueses tiveram necessidade de simplificar a língua. Os contactos com dialetos de outros povos, nomeadamente malaios, timorenses, assim como o casamento de homens portugueses com mulheres malaias, indianas e posteriormente chinesas, deu origem ao rico crioulo ou patuá macaense. Como se pode ler em Leal (2001, p. 21), “os rastros deixados pela história encontram-se sedimentados em camadas mais ou menos superficiais que se conservam na memória dos povos, e a língua é um repositório dessas memórias”. Contudo, esse crioulo, que vigorou por um período de trezentos anos, sofreu um forte declínio a partir do século XIX, correndo sérios perigos de extinção nos dias de hoje (Garmes, 2004; Pinharanda, 2013; Gaspar, 2015).

Estes membros plurilingues acabam por possuir aquilo a que Thomas et al. (2004) chamam de identidade multifacetada, trocando de papel em diferentes alturas e situações. Segundo os mesmos autores, essa mudança manifesta-se e realiza-se através do uso de determinada língua. Assim, entendemos que

Speakers may wish to be identified with different groups at different times, and their linguistic patterns may produce a shift, whether it be between different varieties of a language, or from one language to another. The question of group affiliation and identity can determine the choices a speaker makes about how to

speak and, for bi or multilinguals, which language to use. (Thomas et al., 2004, p. 147)

2.3. Línguas e poder

Como aponta Grosso (2007), até 20 de dezembro de 1999, a língua portuguesa era a língua da Administração, da classe governante, do funcionalismo público e do Direito. Contudo, hoje em dia, confina-se, essencialmente, ao domínio específico do Direito. A presença portuguesa na classe governante encontra-se quase extinta e os funcionários públicos de origem portuguesa são em número muito reduzido. A língua administrativa passou a ser o cantonês e, em certos casos, o mandarim (*putonghua*). Embora se verifique um aumento significativo de falantes de mandarim, quer nos quadros administrativos quer na população em geral, esta língua ainda não adquiriu o estatuto de língua forte como era esperado. Veja-se, assim, que

Com a mudança de soberania, a língua chinesa ocupa na Administração o lugar da língua portuguesa. Nesta situação, com a migração de muitos elementos da China, prevê-se não só um aumento de falantes de mandarim, mas também, e consequentemente, o seu crescente uso e alargamento a outros domínios de comunicação, reservados ao cantonês, como o das relações gregárias e familiares. A mudança de quadros implicará uma situação semelhante à que ocorria com a língua portuguesa, falando-se em determinados domínios só o mandarim, língua de prestígio e de poder que tenderá a generalizar-se ao mundo empresarial e económico podendo coexistir ou suplantar em Macau o uso do inglês. (Grosso, 2007, pp. 19–20)

A vizinha região de Hong Kong apresenta uma situação linguística não menos complexa, também ela derivada de condicionalismos históricos e sociais. Tal como se esperava, e de forma mais evidenciada do que em Macau, o mandarim, considerada língua de prestígio, adquiriu, no período pós-1997, uma posição política poderosa. No entanto, apesar da sua aceitação como forte indicação de lealdade à ideia de nação chinesa (Wright, 1997), não superou, na prática, o uso do inglês, língua franca internacional, tão importante neste ponto nevrálgico de intercâmbio financeiro e comercial. Por sua vez, tal como em Macau, o cantonês não é simplesmente uma língua confinada ao espaço da vida privada e familiar ou, ainda, dos pequenos negócios. Wright declara, neste contexto, que

...it is also the language of arts – of the cinema, of a thriving popular music industry, of a respected operatic tradition, of the media – of a popular press with wide distribution and numerous titles, of a several radio stations and of a widely networked television channels, and of a powerful commercial and industrial region. (1997, p. 6)

Embora numa escala proporcional à sua população, o mesmo ocorre em Macau. Além disso, também não nos podemos esquecer que, pela sua proximidade, a região vizinha sempre teve uma grande influência quer a nível económico quer cultural na população de Macau. As faixas etárias mais jovens sempre acompanharam as novas

tendências e manifestações culturais de Hong Kong. Todos esses aspetos reforçam o poder do cantonês como língua de comunicação e de identidade cultural.

Apesar de algumas previsões ainda não se terem registado em absoluto, algumas considerações permanecem como uma realidade inalienável: “Um dos problemas de Macau é a comunicação entre as diferentes comunidades linguísticas que constituem a população deste território, com especial relevo, como já anteriormente foi mencionado, para as comunidades portuguesa e chinesa” (Grosso, 2007, p.14), sendo que aquilo que Grosso defendia, na viragem para o século XXI, ainda se verifica: “Desde sempre foi imprescindível a existência de falantes bilingues que dominassem as duas línguas e que servissem de intermediários entre as duas comunidades” (2007, p.18). Os macaenses são, por excelência, a comunidade que melhor serve, neste pequeno espaço, o papel de mediadores, fundamentais no que respeita ao entendimento mútuo e funcionamento de uma sociedade harmoniosa.

2.4. Macau: espaço multicultural

Para retratarmos a realidade de Macau, remeter-nos-emos às definições de Semprini: “Um espaço multicultural nasce e se desenvolve *in vitro* nesse imenso laboratório que é a sociedade” (1999, p. 147), mas também de Cuq e Gruca que definem esse mesmo espaço como “... le fait d’envisager la coexistence de plusieurs communautés culturelles comme constitutive d’une société; l’image d’une mosaïque en rend assez bien compte” (2002, p. 59).

Quando nos referimos ao conceito de multiculturalismo, urge colocar questões fundamentais “relativas à capacidade de um sistema social integrar uma diferença autêntica, que não seja comandada ‘por cima’ nem ‘pasteurizada’ para se tornar digerível” (Semprini, 1999, p. 171). Contrariamente aos principais modelos de espaço social multicultural, Macau não aparenta nenhuma dificuldade intrínseca em integrar a diferença. Tal como refere Semprini, “Num contexto multicultural, não existe ‘um’ espaço social, mas tantos espaços quantas perceções os diferentes grupos tenham do mesmo” (1999, p. 147). Na realidade, o multiculturalismo sempre existiu em Macau, mas não é menos verdade afirmar que nunca andou de par com a interculturalidade (Rocha, 2018). A ideia de mosaico cultural, acima avançada por Cuq e Gruca, traduz bem a ideia de justaposição e não de interligação ou mesmo de intercomunicação. Podemos adiantar, até, que o único grupo étnico que aparenta algumas características interculturais será a comunidade macaense, no sentido em que sempre existiu um *continuum*, ao longo dos séculos, no diálogo que ajudou a fomentar entre as comunidades chinesa e portuguesa, o que poderá consistir um trunfo no que respeita à sua futura sobrevivência.

3. Metodologia

Retomando a analogia de Semprini (1999) de espaço multicultural enquanto laboratório que retrata na perfeição a realidade de Macau, e tendo em conta as características específicas desta investigação, decidimos proceder ao desenvolvimento de um estudo de caso, com recurso a dados quantitativos e qualitativos. Para a consecução

dos objetivos definidos, selecionámos o instrumento de recolha de dados que julgámos mais adequado, o inquérito por questionário, por este permitir alcançar um maior número de respondentes, preservar o anonimato e padronizar informações (Quivy & Champenhoudt, 2005; Brandão, 2025). Foi estabelecido um primeiro contacto através das redes sociais com ex-alunos macaenses do curso de Licenciatura em Tradução e Interpretação da Universidade Politécnica de Macau, que, por sua vez, divulgaram a ligação do *Google Forms* para que outros elementos da comunidade respondessem.

Sabendo que as primeiras questões de um questionário são de grande importância, uma vez que estabelecem a relação entrevistador-entrevistado e determinam a reação quer positiva quer negativa do entrevistado (Ghiglione & Matalon, 2005; Brandão, 2025), optámos por elaborar um questionário simples, em que colocámos questões fechadas de resposta única e múltipla e semiabertas, para que não se tornasse fastidioso. Antes da sua aplicação definitiva em linha², foi realizado um pré-teste que nos permitiu ajustar e reformular algumas questões que levantavam algumas dúvidas.

Este questionário tem por objetivo determinar o perfil do público inquirido, membros da comunidade macaense de Macau, maioritariamente jovem, e o seu posicionamento no que respeita à sua identidade étnica e linguística, de modo a poder tirar algumas conclusões quanto à sobrevivência desta comunidade.

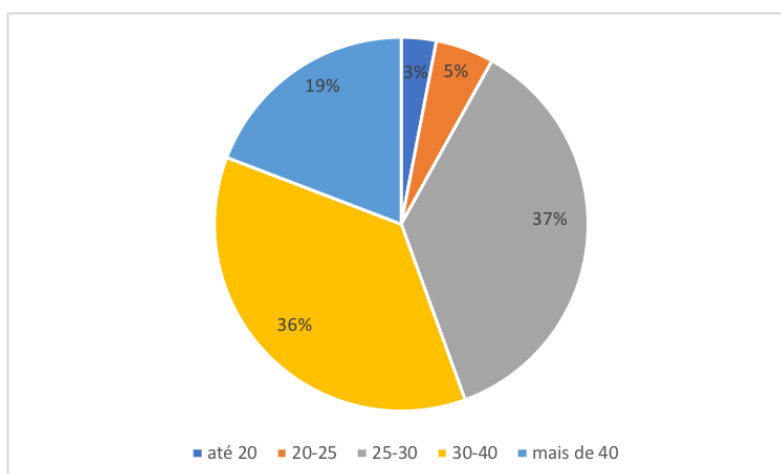
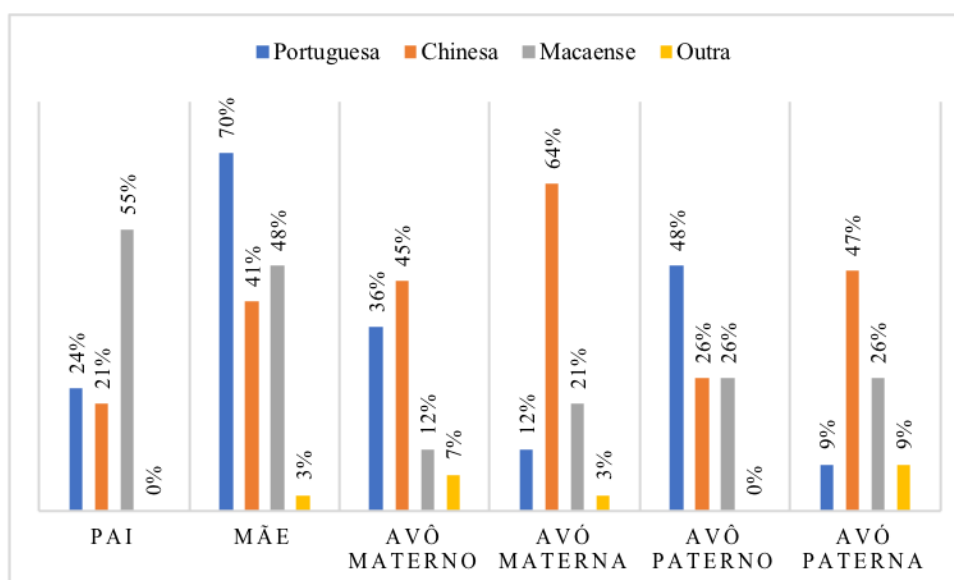
Passamos, se seguida, à análise dos dados dos 58 questionários que nos foi possível recolher.

4. Análise e discussão dos resultados

Embora, uma vez o questionário lançado em linha, seja difícil controlar a faixa etária das pessoas que pretendemos inquirir, os resultados apontam para que o nosso objetivo inicial tenha sido atingido: a idade da grande maioria dos respondentes situa-se entre os 25 e 40 anos (Figura 1). Consideramos que este grupo é o ideal, na medida em que terá condições para responder à grande maioria das questões colocadas, que remetem para a formação académica, situação profissional e familiar, entre outras. Por outro lado, e não menos importante, passada a fase da adolescência, estes jovens adultos já terão uma noção clara quanto à sua identidade cultural e linguística.

Os dados da Figura 2, que remetem para a origem étnica, confirmam a tendência até agora registada por alguns estudiosos da comunidade macaense (Amaro, 1994; Costa, 2006; Garmes, 2004; Grosso, 2007; Naito, 2016; Rangel, 2010), no sentido em que a componente portuguesa da origem étnica é transmitida pelo lado paterno, enquanto o materno confere a origem chinesa.

² Recorreu-se à ferramenta docs.google.com/ para elaborar e lançar o questionário em linha, o que nos permitiu fazer uma divulgação menos centrada num determinado público e uma recolha imediata, mais eficaz.

Figura 1. Idade do público-alvo

Figura 2. Etnia


De modo a averiguar se esta tendência irá perdurar no tempo, tentámos perceber qual a dinâmica intraétnica e interétnica. Como aponta Sanders (2002),

The situational and subjective aspects of ethnic identity mean that researchers who wish to understand how ethnicity emerges as an important factor in a range of social processes must do more than identify key cultural and behavioral components of groups. Researchers must also investigate patterns of interaction that link groups. The locations of cross-group interactions are usually better understood in terms of social space than as physical places. (p. 328)

Como podemos notar na Tabela 1, as uniões existentes nos membros inquiridos são proporcionais à dimensão das diferentes comunidades. Contudo, ao cruzarmos estes dados com o sexo dos inquiridos, foi-nos possível concluir que não se evidencia nenhuma tendência particular nas mulheres, sendo que os respondentes de sexo masculino tendem

a unir-se, maioritariamente, com mulheres de etnia chinesa e, em menor escala, de etnia macaense. Embora haja uma prevalência no convívio intraétnico (Tabela 2), tal não se verifica relativamente às uniões.

Tabela 1. Etnia dos parceiros dos inquiridos

	N	%
Portuguesa	11	19%
Chinesa	22	38%
Macaense	12	21%
Outra	13	22%

Tabela 2. Nacionalidades dos amigos

	N	%
Macaenses	50	86%
Portugueses	30	52%
Chineses	37	64%
Filipinos	1	2%
Tailandeses	0	0%
Moçambicanos	1	2%
Cabo-verdianos	1	2%
Guineenses	1	2%
Outros	3	5%

4.1. Língua de escolarização e socialização

Se nos remetermos para os dados da Tabela 3, fica claro que a língua portuguesa predomina como língua de escolarização do nosso público inquirido, e a todos os níveis de ensino. Contudo, na hora de elaborar o inquérito e tendo em mente o objetivo central deste estudo, isto é, prever o futuro da comunidade macaense, esse dado não nos pareceu suficiente, daí termos colocado a mesma pergunta relativamente aos descendentes (Tabela 4).

Tabela 3. Língua veicular de escolarização

	Primário		Secundário		Superior	
	N	%	N	%	N	%
Português	57	98%	56	97%	40	69%
Cantonês	1	2%	1	2%	0	0%
Mandarim	0	0%	0	0%	2	3%
Inglês	0	0%	1	2%	9	16%
Outro	0	0%	0	0%	7	12%

Como é possível verificar na Tabela 4, a língua portuguesa deixa de ser a língua forte no que respeita à educação escolar dos filhos destes jovens macaenses e passa a partilhar a primazia com o inglês, cantonês e mandarim, o que revela uma viragem drástica quando comparada com a geração anterior. As limitações deste estudo não nos permitem tirar conclusões definitivas, uma vez que os respondentes não foram inquiridos sobre o assunto. No entanto, pelos dados acima apresentados relativos às uniões, mas também pelos resultados de outras investigações (nomeadamente, Naito, 2016), podemos inferir que o cantonês tende a ganhar terreno como língua mãe. Enquanto língua oficial e de prestígio, o mandarim também se vai instalando gradualmente. Particular relevo é dado ao inglês como segunda escolha para a língua de escolarização, muito provavelmente por ser língua franca internacional, mas também pelo facto de se terem instalado, nesta Região Administrativa Especial, escolas internacionais de renome³ nas últimas duas décadas criando, assim, uma alternativa em relação à Escola Portuguesa de Macau, permitindo o ingresso em universidades de vários países anglo-saxónicos.

Tabela 4. Língua da atual ou futura escolarização dos filhos

	N	%
Português	33	58%
Cantonês	25	44%
Mandarim	11	19%
Inglês	32	56%
Outra	2	4%

³ A Escola das Nações abriu em 1988 com apenas cinco alunos, mas registou um aumento de 35% e 29% nos anos letivos de 1991–92 e 1992–93, respetivamente. O constante crescimento do número de alunos levou a que mudasse para novas instalações na ilha da Taipa e conta, em 2025, com 650 alunos. Para responder à incessante procura, e de modo a poder integrar os filhos de funcionários estrangeiros dos novos complexos hoteleiros e casinos construídos, em Macau, desde a liberalização do jogo, em 2003, foi aberto, em 2002, a Escola Internacional de Macau. Em 2025, estavam inscritos 1366 alunos. Consultado em: <https://www.schoolofthenations.com/history/>; <https://tis.edu.mo/>.

4.2. Identidade/s linguística/s

Dadas as características plurilingues da comunidade macaense, tentámos entender qual a dinâmica e os contextos de uso para cada uma das línguas. Para tal, foram levantadas várias questões, cujos resultados se encontram expressos nas tabelas abaixo apresentadas.

A informação que podemos retirar da Figura 3 vem confirmar as conclusões tiradas relativamente à origem étnica: a língua portuguesa encontra-se associada à figura do avô paterno, perdurando através do pai, embora já se registre uma ligeira quebra a favor do cantonês, o que poderá evidenciar uma futura tendência nesse sentido. Se compararmos com os restantes membros da família, nota-se uma clara vantagem a favor do cantonês.

Figura 3. Língua falada com os familiares

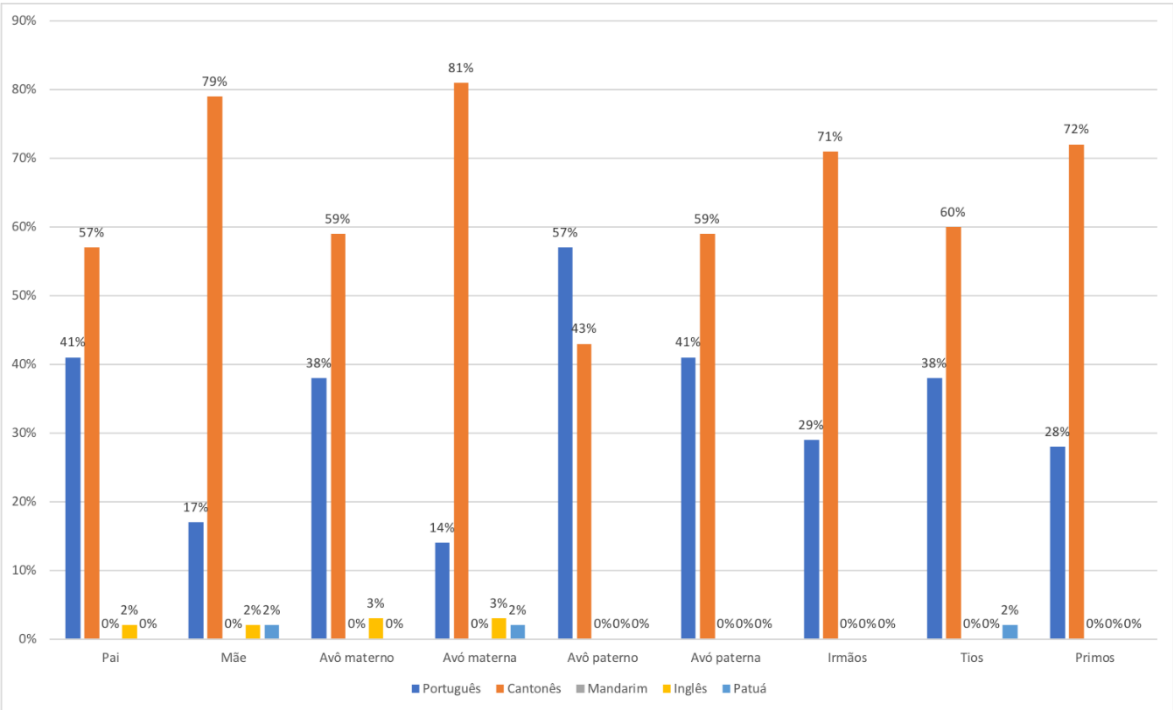


Tabela 5. Língua/s falada/s com o parceiro/a

	N	%
Português	26	51%
Cantonês	34	67%
Mandarim	4	8%
Inglês	8	16%
Outra	1	2%

Regista-se a mesma vantagem por parte do cantonês enquanto língua de comunicação e socialização, embora o português mantenha, também, uma forte posição (Tabela 5). Relembramos que para a grande maioria esta foi língua veicular de

escolarização e que muitos dos inquiridos têm uma atividade profissional em que a língua portuguesa é ferramenta de trabalho (Figura 4)⁴.

Figura 4. Língua falada no trabalho/escola e com os amigos

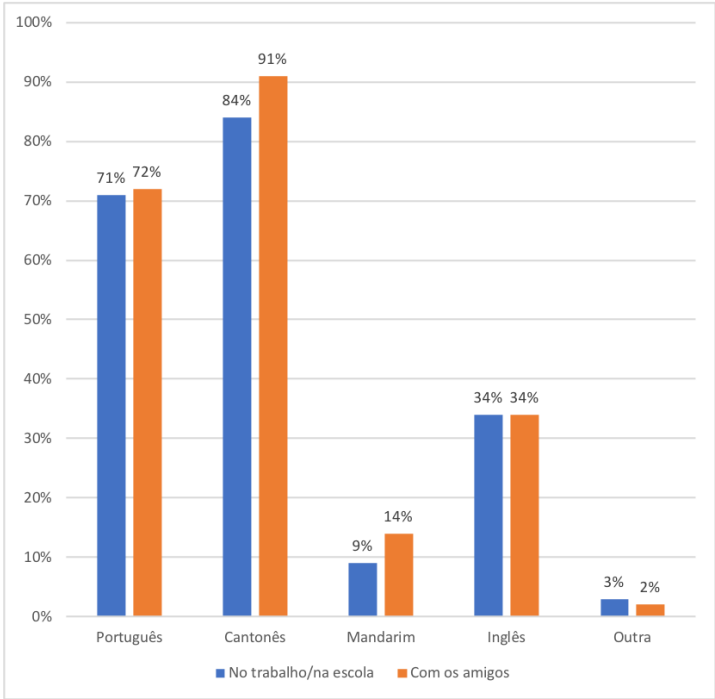


Tabela 6. Língua com que se identifica mais

	N	%
Português	38	66%
Cantonês	42	72%
Mandarim	2	3%
Inglês	7	12%
Outra	0	0%

Tabela 7. Língua com a qual se sente mais à vontade

	N	%
Português	30	52%

⁴ As profissões mais referidas pelos inquiridos foram: funcionário público, tradutor, intérprete/tradutor, advogado, jurista, entre outras.

Cantonês	46	79%
Mandarim	3	5%
Inglês	8	14%
Com nenhuma	1	2%
Outra	0	0%

Tabela 8. Língua em que se expressa melhor

	N	%
Português oral	32	55%
Português escrito	19	33%
Cantonês	45	78%
Mandarim	3	5%
Chinês escrito	4	7%
Inglês oral	12	21%
Inglês Escrito	5	9%
Outra	0	0%

As tabelas 6, 7 e 8 evidenciam a supremacia do cantonês. É de realçar, também, o domínio do oral em qualquer uma das línguas. O português permanece a língua preferencial, no que à expressão escrita diz respeito, muito provavelmente por ter sido a língua de escolarização.

No teste piloto realizado antes do lançamento do questionário em linha, uma das pessoas inquiridas avançou que não se limitava ao uso de uma única língua quando comunicava com familiares, amigos ou outros membros da comunidade macaense. O fenómeno que comumente se denomina por *code-switching*, nas mais variadas comunidades bilingues ou multilingues do mundo, também é prática corrente na comunidade macaense, tal como apontam os dados da Tabela 9. Um dos motivos prende-se, muito provavelmente, com o facto de que “different languages carve up the world in different ways, making certain semantic distinctions by clear morphological variations, while others can only be expressed by complex and indirect means” (Lantolf, 2000, p. 231). Assim, no fio de uma conversa, os falantes multilingues vão recorrendo a uma ou outra língua, conforme a sua conveniência.

Tabela 9. *Code-switching* entre línguas

	N	%
Português/cantonês	39	68%
Português/inglês	10	18%
Português/mandarim	0	0%
Cantonês/inglês	10	18%
Cantonês/mandarim	5	9%
Cantonês/português/inglês	28	49%
Cantonês/patuá	1	2%
Português/patuá	1	2%
Português/cantonês/patuá	1	2%
Outras	0	0%

4.3. Língua portuguesa: que lugar?

Tal como referem Thomas et al. (2004),

Your social identity is not something you can always determine on your own; it is also bound up with how others perceive you. In fact, it would be difficult to conceive of identity as a purely individual matter. Your perception of yourself as an individual can only be on relation to others, and your status within a social group. This status can be constructed through language use in various ways. (p.143)

Por mais que os inquiridos se identifiquem com o cantonês, aos olhos de muitos membros de etnia chinesa, estes respondentes são vistos como “outsiders”. Como avançam ainda Thomas et al. (2004, p. 149), “The relationship between language identity will always involve a complex mix of individual, social and political factors which work to construct people as belonging to a social group, or exclude them from it”.

Essa distinção também passa pelo uso da língua nas mais variadas situações do quotidiano, como se pode verificar na Tabela 10. Mais do que querer marcar a diferença, a língua portuguesa funciona como se de um código secreto se tratasse: 43% dos respondentes apontaram que a usam para não serem entendidos pelos outros (Tabela 11). Esse dado subentende que não existe uma vontade intrínseca de integração na comunidade maioritária e o vínculo com Portugal continua forte, com 74% dos inquiridos a manterem o contacto com familiares e amigos (Tabela 12). Para estes inquiridos, o uso

do português é algo de natural e espontâneo, informação que vai ao encontro do que é apresentado na Tabela 13, sendo que 78% fala ou pensar falar em português com os seus descendentes.

Tabela 10. Circunstâncias de uso da língua portuguesa

	N	%
Para comunicar no dia-a-dia	40	69%
Para trabalhar	39	67%
Para ler jornais/revistas/livros	34	59%
Para ouvir rádio	14	24%
Para ver televisão	16	28%
Para conversar nos chats das redes sociais	29	50%
Nunca a usa	1	2%
Outro	1	2%

Tabela 11. Uso do português

	N	%
de forma espontânea e natural	41	71%
porque gosta	8	14%
para praticar	8	14%
para marcar a diferença	3	5%
para os outros não entenderem	25	43%
para se sentir parte do mesmo grupo	10	17%
nunca usa o português	0	0%
Outras	2	3%

Tabela 12. Vínculos com Portugal

	N	%
correspondendo-se com familiares e amigos	43	74%
usando os meios de comunicação social para estar atualizado	22	38%
viajando regularmente até lá	13	22%
não mantém contacto nenhum	7	12%
Outros	1	2%

Tabela 13. Língua falada ou que pensa falar no futuro com os seus filhos

	N	%
Português	45	78%
Cantonês	50	86%
Mandarim	12	21%
Inglês	30	52%
Outra	2	3%

4.4. Patuá: que futuro?

Os resultados das perguntas relativas ao patuá confirmam que este crioulo se encontra, hoje, praticamente moribundo, pois 90% destes jovens inquiridos não falam esta língua. Contudo, estes membros têm a perfeita consciência de que, com o seu desaparecimento, parte da unicidade da comunidade macaense irá desaparecer também, razão pela qual 93% consideram importante preservar este crioulo. Não restam dúvidas de que

Maintenance of a minority language within a majority cultures is often associated with the maintenance of a minority's values and with the continuation of its unique cultural identity. Loss of a language can also be associated with the loss of cultural identity. (Thomas et al., 2004, p. 148)

Tabela 14. Como preservar o patuá

	N	%
Falando patuá em casa	6	10%
Ensinando patuá às crianças	17	29%
Oferecendo aulas de patuá à comunidade	33	57%
Desenvolvendo mais atividades culturais	40	69%
Outras	2	3%

Para 57% dos respondentes, a preservação passa pelo ensino, mas também pelo desenvolvimento de atividades culturais, como afirmam 69% dos inquiridos (Tabela 14). Neste contexto, Zhao et al. (2025) advogam que

Policymakers and managers can promote cultural education programs within schools and communities and organize cross-cultural experience activities to help the public understand and embrace the value of different cultures, thereby improving CQ (Cultural Intelligence). Specific measures include organizing exhibitions, lectures, or workshops related to cultural heritage to attract public participation and cultivate cultural sensitivity and identity. These initiatives not only enhance the public's understanding of cultural diversity but also encourage interaction across generations, laying the foundation for intergenerational cultural transmission. (p. 10)

Embora se registem algumas manifestações culturais, nomeadamente a encenação anual de uma peça de teatro em patuá, o certo é que a produção literária perdeu o fulgor registado no século XX. Ainda que ciosos e orgulhosos da sua herança, estes jovens sentem-se algo impotentes perante a fatalidade da perda deste património. Pois, como refere Arrimar (1995),

A língua, apenas permanecerá na razão directa do interesse prático que as pessoas sentirem que ela terá. Uma língua estrangeira só se aprende se houver alguma razão especial para isso. (...) Perdida a língua para as actividades do quotidiano, é impossível recuperá-la, sobretudo se existirem outras que a ultrapassem. (p. 103)

4.5. Representações

Para além das questões acima retratadas, entendemos que seria importante averiguar quais as representações que estes inquiridos tinham relativamente às culturas e falantes das etnias chinesa e portuguesa. Julgamos que o patriotismo cultivado pela comunidade macaense, tal como aponta Semprini (1999), ainda que relativa a outros

grupos, não tem base política, mas sociocultural, isto é, trata-se de “uma mistura de valores, de modos de vida, de crenças religiosas e raciais” (p.134).

Tabela 15. Hábitos e costumes mais apreciados

	Portugueses		Chineses	
	N	%	N	%
Gastronomia	35	60%	23	40%
Música	17	29%	41	71%
Literatura	32	55%	26	45%
Pintura	30	52%	28	48%
Futebol	56	97%	2	3%
Forma de se relacionar com os outros	38	66%	20	34%
Forma de comer	44	76%	14	24%
Forma de se vestir	32	55%	26	45%
Não aprecia nada em particular	25	43%	33	57%
Outros	27	47%	31	53%

Se analisarmos os resultados da Tabela 15, no geral, evidencia-se uma preferência pelos hábitos e costumes portugueses. Contudo, a força e prestígio da cultura milenar chinesa também é algo de que estes jovens se podem orgulhar. Os dados relativos à literatura e pintura parecem ser prova disso. No que respeita à música ou ainda a forma de se vestir, pensamos que a identificação muito tem a ver com a influência da região vizinha de Hong Kong. Como referimos anteriormente, neste trabalho, as faixas etárias mais jovens de Macau sempre acompanharam muito as tendências culturais da Região Administrativa de Hong Kong, com especial relevo para a música, cinema e moda.

4.6. Estereótipos

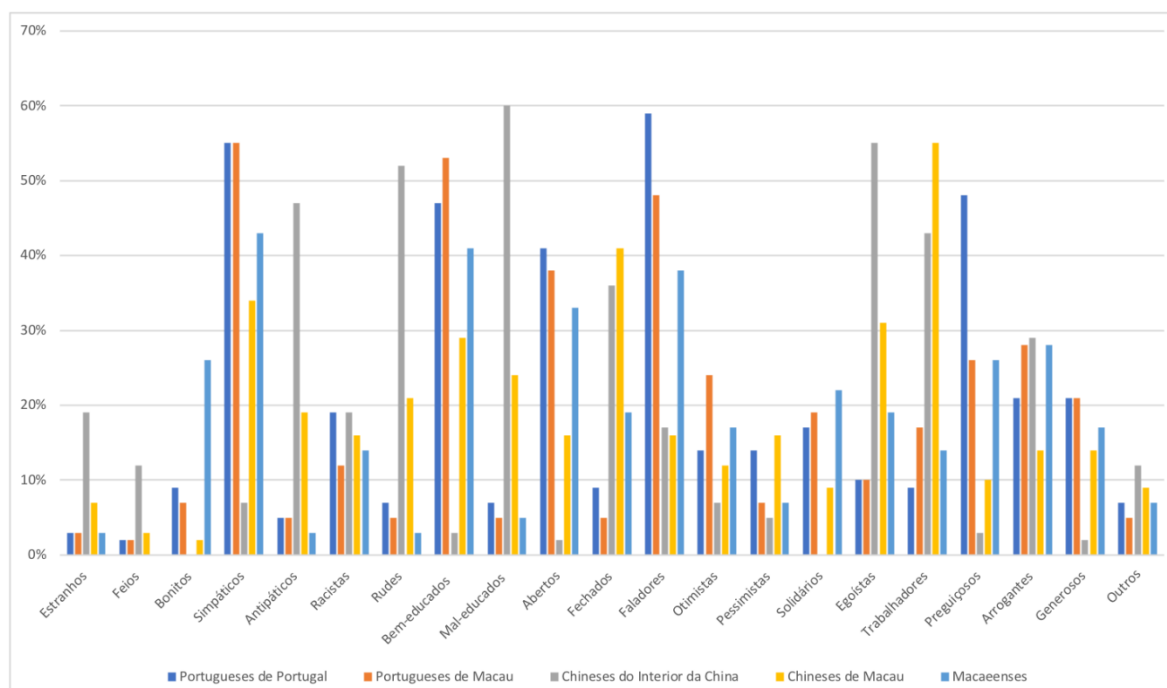
De modo a analisar os dados da Figura 5, remeter-nos-emos para aquilo que Thomas et al. (2004) adiantam:

We inherit the linguistic signs of the speech community we are born into, and there seems to be evidence that the meanings of those signs influence the way in which we can perceive the world around us. These ideas go a long way towards explaining the power of negative labelling. (p. 88)

Ao debruçarmo-nos sobre a Figura 5, alguns resultados saltam à vista: os chineses provenientes do Continente são os que mais somam características negativas. Considerados mal-educados, rudes, egoístas, antipáticos, fechados, arrogantes ou ainda estranhos. Por sua vez, embora fechados, os chineses de Macau são considerados trabalhadores e bem mais simpáticos e educados. Contudo, quando comparamos as características conferidas aos portugueses e macaenses, percebe-se que são as que mais se aproximam: simpáticos, bem-educados, faladores e abertos; todos eles atributos que parecem unir as duas comunidades. Perante estes dados, podemos afirmar que a forma de estar dos macaenses se aproxima significativamente mais da portuguesa do que da

chinesa. Isso explica porque 19% dos inquiridos estranham os chineses do Continente, que tiveram pouco ou nenhum contacto com a comunidade portuguesa — ao contrário dos chineses de Macau, cuja convivência com os portugueses remonta a quatro séculos de proximidade. Pensamos que a etiqueta negativa que rotula os chineses do Continente mais terá a ver com o que Thomas et al. identificam: “If the sense is repeatedly not affirmative, negative ethnic stereotypes are perpetuated” (2004, p. 89). A massificação do turismo proveniente da Grande China, registada nos últimos anos, com a nova política do Governo Central de concessão de vistos individuais, talvez tenha evidenciado, de forma brusca, as diferenças de hábitos e costumes entre as comunidades.

Figura 5. Percepção em relação aos portugueses, chineses e macaenses



4.7. Identidade macaense

Responder à questão “o que é ser macaense?” sempre pareceu complicado e pouco consensual, mesmo quando esta interrogação é colocada pelos próprios membros da comunidade: “Quando me interrogam, “o que é um Macaense”, adopto aquela postura de não a responder directamente, porque assaltar-me-ia invariavelmente a frustração antecipada de quão vã é tentativa de o definir”, refere Miguel de Senna Fernandes⁵, num artigo publicado, a 24 de junho de 2016, no jornal Hoje Macau⁶.

O facto de esta pequena investigação ter sido levada a cabo por alguém que não pertence à comunidade macaense talvez tenha desinibido os inquiridos a admitir a falta

⁵ Tal como o falecido pai, Henrique de Senna Fernandes, advogado e ilustre membro da comunidade macaense local, grande defensor do patuá. Tem sido o mentor das peças de teatro que têm subido ao palco nesse dialeto.

⁶ Fernandes, M. S. (2016, 24 de junho). Especial 24 de Junho-Tem na únde, Macau-filo? *Jornal Hoje Macau*. <https://hojemacau.com.mo/2016/06/24/especial-24-de-junho-tem-na-unde-macau-filo/>

de união entre os membros da comunidade, pois 60% consideram-se pouco unidos. Esse facto evidencia o alerta que Sovik faz quando diz que “O termo ‘comunidade’ (como em ‘comunidades de minorias étnicas’) reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigoso e enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais...” (2005, p. 65). Como vimos, a comunidade macaense é multifacetada e não corresponde a um padrão único homogéneo, o que poderá estar na origem dessa falta de união. Ainda assim, o sentimento de pertença ao grupo é forte e sustentado e, tal como adianta Senna Fernandes, “este laço de pertença é especial, pois vai-nos remeter por sua vez para um espaço ainda mais global (civilizacional), que explica a nossa ascendência, como povo “sui generis” neste sudeste asiático” (Jornal Hoje Macau, 24 de junho, 2016). À pergunta “sente-se macaense?” 86% responderam que sim e 78% sentem orgulho nisso.

O forte sentimento de partilha de território, hábitos e costumes, a língua e gastronomia portuguesa, e ainda a religião católica, parecem ser o que une mais os membros da comunidade macaense (Tabelas 16 e 17), corroborando os resultados de outros estudos sobre a matéria (Gaspar, 2015; Naito, 2016). No que à religião diz respeito, os dados confirmam o que Sanders considera: “...churches promote a sense of the community and ethnic awareness while encouraging acculturation” (2002, p. 344).

Tabela 16. O que identifica a comunidade macaense

	N	%
O facto de ser natural de Macau	38	66%
O facto de viver na mesma cidade	10	17%
A partilha dos mesmos hábitos e costumes	30	52%
A união entre as pessoas	18	31%
A religião católica	17	29%
A língua portuguesa	27	47%
A gastronomia	27	47%
A literatura	8	14%
Não existem diferenças	4	7%
Outro	4	7%

Tabela 17. Manifestação da união na comunidade macaense

	N	%
Na língua	29	50%
Nos hábitos e costumes	36	62%
Na religião	21	36%
Na solidariedade entre os membros	12	21%
Na amizade entre os membros	23	40%
Nos laços familiares entre os membros	29	50%
Na política	8	14%
Nos interesses económicos	10	17%
Nas manifestações artísticas e culturais	11	19%
Outros	4	7%

Quando inquiridos sobre a participação ativa na sociedade, as opiniões tendem a dividir-se: apenas 52% apontaram uma resposta positiva. Salientam-se as áreas da vida social, política e das artes com 66%, 47% e 36%, respetivamente. As artes, em particular a literatura, já tinham sido destacadas anteriormente, o que vai ao encontro daquilo que Mata (2009) sustenta: “De entre os usos diferentes que uma língua pode ter, conta-se o uso estético como uma das práticas culturais mais diferenciadoras” (p. 14). Chen (2024), a este propósito, refere que

ICH (Intangible Cultural Heritage) has five recognized domains: (1) oral traditions and expressions, including language, as a vehicle of ICH; (2) performing arts; (3) social practices, rituals, and festive events; (4) knowledge and practices concerning nature and the universe; and (5) traditional craftsmanship (UNESCO, 2011). Cultural space is another key component that enables connections among all the domains. Even though this component is excluded from the aforementioned scope, it is commonly recognized as an inseparable part of ICH preservation (UNESCO, 2011). The performing arts/festivals and events are considered the liveliest manifestations among the ICH domains. In most cases, they indicate more than the actual performances but rather the ritual practices, the beliefs and customs, and the spirit of place. (p. 28)

É neste contexto que se inscreve o grupo de teatro em patuá, Dóci Papiaçám di Macau (澳門土生土語話劇團), inscrito, em 2012, na Lista de Património Cultural Imaterial da Região Administrativa Especial de Macau, que tem lutado, ainda que de

forma pontual e contextualizada, para inverter as considerações da UNESCO, classificando esta língua como estando em sério risco de extinção (Sui, 2023). Esta iniciativa, liderada pelo já referido ativo membro da comunidade macaense Miguel de Senna Fernandes, conta com mais de três décadas de existência e procura, através do convívio e do bom humor, agregar ao grupo jovens que possam perpetuar a língua, os costumes e reforçar os laços que os unem (Santos, 2017). Desde a sua criação, o teatro em patuá representa uma manifestação cultural omnipresente da história desta região (Migliorini & Neuwirth, 2023) e o facto de o Governo da China também ter incluído, em junho de 2021, esta expressão artística na sua lista de património cultural imaterial confere-lhe um estatuto que favorece a sua permanência no tempo. Assim sendo,

With regard to culture, the history has shaped Macao's changing culture and its culture of change. The cultural manifestations of this history are ubiquitously present in both tangible and intangible forms. Physical monuments across the territory testify to Macao's heritage and the historic centre of Macao was enlisted in 2005 as a UNESCO World Cultural Heritage site. In addition, Macao has registered various expressions of intangible cultural heritage, such as Cantonese Opera, Patuá Theatre or Macanese Gastronomy. (Migliorini & Neuwirth, 2023, p. 142)

4.8. Comunidade macaense: que futuro?

Seria demasiado presunçoso e ambicioso da nossa parte, e tendo apenas como base esta pequena investigação, avançar conclusões ou delinear previsões. Contudo, estes dados permitem-nos tirar ilações e confirmar algumas tendências.

Atualmente, no século XXI, a comunidade mantém-se como um vínculo significativo entre a comunidade chinesa e a portuguesa. A esmagadora maioria dos inquiridos demonstrou ter plena consciência desta mais-valia, não apenas por falar as duas línguas (69%) como também por entender as duas culturas (83%) (Tabela 18).

Tabela 18. Importância da comunidade macaense enquanto como elo entre a comunidade chinesa e as de língua portuguesa

	N	%
Porque entende as duas culturas	48	83%
Porque fala as duas línguas	40	69%
Porque é dessa comunidade que provêm os melhores tradutores/intérpretes	10	17%
Outras	4	7%

Para Senna Fernandes⁷ (Revista Macau, maio de 2023, p. 54.), essas características plurilingues e, em particular, a língua portuguesa constituem um trunfo:

É precisamente o que nos faz diferentes que nos pode ajudar. Eu tenho competências linguísticas para discutir, a todos os níveis, com qualquer cidadão da Grande Baía. O macaense tem competências linguísticas. No meu entender, só lhe falta fazer valer a sua costela macaense. Se, na esfera da Grande Baía, isto pode ser uma mais-valia para os macaenses? É claro que sim.

Contudo, o espectro da diluição da comunidade macaense na etnia majoritária chinesa não é mera miragem. Senna Fernandes ganha coragem para dar voz a uma angústia reprimida e calada por todos. 66% dos respondentes acreditam que isso poderá vir a acontecer. Costa sustenta que: “A reduzida expressão demográfica da comunidade e a sua dispersão, aliadas ao facto de se tratar de uma pequena minoria no seu próprio local de origem (Macau), são alguns dos aspetos que estão presentes nas preocupações dos macaenses” (2004, p. 142).

Contudo, e de acordo com Barth (1969, p. 13), “studying ethnic groups only in terms of their cultural traits and institutional forms leads researchers to confound the effects of cultural tradition with how ecological circumstances lead to changes in patterns of belief and behavior”. Como vimos, a cidade de Macau é um laboratório vivo no que respeita aos fluxos migratórios e oscilações nos padrões sociais e demográficos, de modo que as previsões feitas nunca poderão ser categóricas. Ainda assim, no que diz respeito ao seu futuro, a voz que fala mais forte é a do macaense, e alguns apontam para possíveis soluções. Das listadas, encontram-se:

- a) transmitir os valores da comunidade macaense;
- b) ensinar a língua portuguesa, o patuá, mas também a história de Macau;
- c) colocar a união acima dos interesses pessoais;
- d) incentivar o respeito mútuo na liberdade de expressão;
- e) promover a cultura e o orgulho nas origens;
- f) manter os hábitos e costumes;
- g) promover a expressão artística, nomeadamente a literatura e divulgá-la internacionalmente.

Embora a maioria evidencie um posicionamento positivo perante a questão, outros demonstram uma atitude menos confiante. Para alguns, os macaenses tendem a optar pela via do facilitismo, indo ao encontro do desabafo de Senna Fernandes⁸ (Jornal Ponto Final, 13 de junho, 2013):

⁷ Fernandes, M. S. (2023, maio). O importante para o macaense é ter noção da sua diferença. *Revista Macau*, 52–54. https://www.revistamacau.com.mo/wp-content/uploads/2023/05/RM92_Web.pdf

⁸ Fernandes, M. S. (13 de Junho 2013). O risco de o macaense se tornar chinês. *Jornal Ponto Final*. <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2013/06/24/o-risco-do-macaense-se-tornar-chines/>

O macaense tem sempre um pendor português e outro chinês, mas quando ele é só para um lado, aí temos sérios problemas em termos de identidade, porque se o macaense já não comunga da língua, afasta-se da comunidade e para onde vai? Para a comunidade chinesa, obviamente”, lamentou.

Outros sustentam a opinião de Costa (2004) no sentido de que nada há a fazer para inverter a situação, uma vez que o processo de miscigenação é algo de natural e uma vez que a comunidade portuguesa diminui, a comunidade macaense também acompanhará essa tendência. Os restantes escusam-se, simplesmente, de tecer comentários.

5. Conclusão

A pergunta que dá título a este trabalho: “Comunidade de macaense de Macau: únde ta vai?” poderá não ter obtido respostas absolutas, mas será que existem? Ou melhor, será imprescindivelmente necessário encontrá-las? Como refere Costa: “Colocamos a hipótese de que as ‘fronteiras’ do que hoje são os macaenses poderão, precisamente, estar a conhecer um desses processos de plasticidade em que as definições se alargam, incluindo novos elementos de identidade” (2006, p. 182). Como referem, ainda, outros estudiosos, as identidades étnicas fluem no tempo e consoante os contextos sociais, por vezes até ao ponto de ocorrer o que Alba (1990) denominava, já no final do século passado, por *ethnic switching*. Também Espiritu (1992) e Lessinger (1995) afirmavam que, no fundo, a apresentação pública da identidade étnica também é situacional, o que revela o caráter plural ou híbrido da etnia moderna.

Independentemente dessas variações no que respeita à identidade étnica ou da etiqueta que lhe queiramos pôr, talvez nos possamos apoiar na definição que Hall (2005) dá de “comunidade imaginada”: as memórias do passado, o desejo de viver em conjunto, a perpetuação da herança, de forma a acreditar que, embora a uma escala menor, por não se tratar de uma nação, esta comunidade irá perdurar ao longo dos tempos.

Para Sovik (2005), se a tendência cultural dominante é a homogeneização, não podemos esquecer que não é a única tendência. Como é sabido, a ameaça de homogeneização que todos tememos, ao iniciar a era da globalização, deu origem a um redobrado sentimento de preservação de identidade linguística e cultural. Nesse sentido, com a afirmação de Macau no contexto da Grande Baía, a pluralidade étnica, linguística e cultural desta região permitirá preservar a sua singularidade e constituir um trunfo para a diversificação e sustentabilidade da economia (Migliorini & Neuwirth, 2023; Sui, 2023).

No que respeita ao patuá, pareceu-nos que o processo de extinção é irreversível: “Uma língua não tem outro sujeito senão aqueles que a falam, nela se falando” (Lourenço, 1999, p. 124). Ora, os dados falam por si, os jovens macaenses inquiridos não falam nem transmitem esta língua aos descendentes.

Os resultados do questionário apontam que, se a etnia maioritária fosse a macaense, a língua portuguesa ocuparia uma posição forte. Concordamos na íntegra com Lourenço (1999) quando diz que

A língua nunca foi – e continua a não o ser – uma espécie de instrumento neutro que se esgota no seu uso comunicante empírico. É um corpo vivo, o corpo sonoro, sensível, mas também imaterial, daqueles indivíduos ou povos que a falem. (p. 128)

Os dados parecem não deixar dúvidas: a língua portuguesa continua a ser parte integrante da identidade macaense de Macau.

Por fim, e considerando as limitações deste estudo, propõe-se como futuras linhas de investigação a realização de estudos longitudinais que monitorizem evoluções identitárias, com amostras mais amplas e diversificadas, que incluam um leque mais abrangente de idades entre os participantes e também a diáspora macaense. Em termos metodológicos, e com vista a aprofundar os resultados, seria igualmente pertinente associar o inquérito por questionário a entrevistas.

Contribuição dos autores: A Autora 1 contribuiu com a conceitualização, metodologia e redação. A Autora 2 com a análise formal, curadoria de dados e visualização e, a Autora 3, com a supervisão (revisão e edição).

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu nenhum tipo de financiamento.

Disponibilização de dados: Os dados que sustentam este estudo foram depositados no repositório institucional da Universidade do Minho, na coleção da Revista Diacrítica: [DIACRÍTICA, Vol. 39, n.º 3, 2025, pp. x–x. DOI: 10.21814/diacritica.6413 / URL].

Referências

- Amaro, A. M. (1994). Macaenses uma sociedade em mudança. *Revista de Cultura*, 20 (2), 11–60.
- Alba, R. D. (1990). *Ethnic identity: the transformation of white America*. Yale University.
- Almeida, I. (2016, 26 de fevereiro). *Críticas de Roy Xavier “não têm razão de ser”*. Jornal Tribuna de Macau. <https://jtm.com.mo/record/2016/02Fev/26-02-2016.pdf>
- Arrimar, J. (1995). *Encontro de portugueses – língua de cultura*. Actas. Instituto Português do Oriente.
- Barth, F. (1969). *Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference*. Universitetsforlaget.
- Baxter, A. N. (2009). O português em Macau: contacto e assimilação. In A. M. Carvalho (Ed.), *Português em contato* (pp. 277–312). Iberoamericana.
- Baxter, A. N. (1988). *A grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Pacific Linguistics-Australian National University.
- Brandão, I. C. (2025). *Elaboração de questionários académicos: estrutura, ética e garantia de anonimato nas pesquisas universitárias*. Even3 Publicações. <http://doi.org/10.29327/7631311>
- Caniato, B. J. L. (2004). Macau, história e cultura. In H. Garmes (Org.), *Oriente, engenho*

- e arte: imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste* (pp. 115–137). Alameda.
- Cardoso H. C., Baxter, A. N., & Pinharanda, M. N. (Eds.). (2012). *Ibero-Asian creoles: comparative perspectives*. John Benjamins.
- Chen, Z. (2024). Extending the experiencescape: insights from Macao for the Greater Bay Area. In J. S. Chen, N. K. K. Prebensen, & M. S. Uysal (Eds). *Handbook of experience science – tourism, hospitality, and leisure*. Edward Elgar Publishing Limited.
- Costa, F. L. da (2004). Fronteiras da identidade: o caso dos macaenses em Portugal e em Macau. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 133–160. <http://hdl.handle.net/10071/282>
- Costa, F. L. (2006). Fronteiras da identidade: o caso dos macaenses em Portugal e em Macau. *Revista da Administração Pública de Macau*, 71(vol. XIX, 1.º), 181–215.
- Cuq, J.-P., & Gruca I. (2005). *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*. Presses Universitaires de Grenoble.
- Espiritu, Y. L. (1992). *Asian American panethnicity: bridging institutions and identities*. Temple University Press.
- Eusébio, M. E. L. (2021). *Quim sâm nós? A study of Macanese community through descriptive analysis of patuá theatre* [Doctoral dissertation, University of Macau].
- Fernandes, M. S. (2013, 13 de junho). *O risco de o macaense se tornar chinês*. Jornal Ponto Final. <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2013/06/24/o-risco-do-macaense-se-tornar-chines/>
- Fernandes, M. S. (2016, 24 de junho). *Especial 24 de Junho-Tem na únde, Macau-filo?* Jornal Hoje Macau. <https://hojemacau.com.mo/2016/06/24/especial-24-de-junho-tem-na-unde-macau-filo/>
- Fernandes, M. S. (2023, maio). O importante para o macaense é ter noção da sua diferença. *Revista Macau*, 52–54. https://www.revistamacau.com.mo/wp-content/uploads/2023/05/RM92_Web.pdf
- Ferreira, J. S. (1996). *Poéma di Macau*. Obras Completas, (vol. IV). Fundação Macau.
- Garmes, H. (2004). *Oriente, engenho e arte: imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste*. Alameda.
- Gaspar, M. (2015). *No tempo to Bambu: identidade e ambivalência entre macaenses*. Instituto do Oriente.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2005). *O inquérito- teoria e prática*. Celta Editora.
- Grosso, M. J. R. (2007). *O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa*. Universidade de Macau.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- Jarnagin, L. (Ed.). (2012). Culture and identity in the Luso-Asian world: tenacities & plasticities. *Portuguese and Luso-Asian legacies in Southeast Asia*, (vol. 2.), 1511-2011. Institute of Southeast Asian Studies.
- Lantolf, J. (2000). *Sociocultural theory and second language learning*. Oxford University Press.
- Leal, E. C. (Coords.). (2001). *O federalismo europeu: história, política e utopia*. Edições Colibri.

- Lessinger, J. (1995). *From the Ganges to the Hudson: Indian immigrants in New York City*. Allyn & Bacon.
- Lourenço, E. (1999). *A nau de Ícaro seguido de imagem e miragem da Lusofonia*. Gradiva.
- Mata, I. (2009). No fluxo da resistência: a literatura, (ainda) universo de reinvenção da diferença. *Revista Gragotá*, 27, 11–31.
- Migliorini, S., & Neuwirth, R. J. (2023). The relevance of culture in regulating AI and big data: the experience of the Macao SAR. In M. Findlay, L. M. Ong, & W. Zhang (Eds.), *Elgar companion to regulating AI and Big data in emerging economies* (pp.138–157). Edward Elgar Publishing.
- Naito, R. (2016). *Os macaenses - herança e memórias de Portugal em Macau*. Sophia University Press.
- Pinharanda, M. N. (2013). Herança cultural e linguística dos macaenses: considerações em torno das suas origens, evolução e continuidade. *Fragmentum I*, (35), 16–25. <https://doi.org/10.5902/7861>
- Quivy, R., & Champenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Edições Gradiva.
- Rangel, A. S. S. F. H. (2010). *Filhos da terra: a comunidade macaense, ontem e hoje* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa].
- Rocha, R. M. S. (2018) *Diversidade linguística e cultural de Macau e educação intercultural: problemas e perspetivas* [Tese de Doutoramento, Universidade Aberta].
- Sanders, J. (2002). Ethnic boundaries and identity in plural societies. *Annual Review of Sociology*, 28, 327–57.
- Santos, L. M. (2017). Conservação, divulgação e sucessão de “Patuá” para o seu desenvolvimento contínuo em Macau do ponto de vista de utentes de “Patuá”. *Administração*, 116(3), 235–254.
- School of the Nations. (n.d.). About SON-Brief History. <https://www.schoolofthenations.com/history/>; <https://tis.edu.mo/>.
- Semprini, A. (1999). *Multiculturalismo. Tradução de Loureano Pelegrin*. Edusc.
- Sovik, L. (2005). *Identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.
- Sui, J. (2023). Diversidade linguística e cultural na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau: políticas e perspetivas. *Études romanes de Brno*, 44(2), 323–337. <https://doi.org/10.5817/ERB2023-2-20>
- The International School of Macao. (n.d.). About us. <https://tis.edu.mo>.
- Thomas, L., Shân W., Singh, I., Peccei, J. S., Thornborrow, J., & Jones, J. (2004). *Language, society and power*. Routledge.
- Wright, S., & K.-H. H. (1997). *One country, two systems, three languages-a survey for changing language use in Hong Kong*. Multilingual Matters.
- Varnum, M. E. W., & Grossmann, I. (2017). Cultural change: the how and the why. *Perspectives on Psychological Science*, 12(6), 956–972. <https://doi.org/10.1177/1745691617699971>
- Vieira, M. C. (2016). *Changing identities in the post_handover era* [PhD Thesis, University of Southampton].

Zhao, L., Zhang, H., Li, R., Lin, J., Xiong, L., Zheng, Y., & Zhang, H. (2025). How psychological and cultural factors drive donation behavior in cultural heritage preservation: construction of the cultural generativity behavior mode. *npj Herit. Sci.* 13, 28. <https://doi.org/10.1038/s40494-025-01560-x>

[recebido em 30 de março de 2025 e aceite para publicação em 8 de dezembro de 2025]